

Cirlene Moreno Corradini\*

**OS GUAIKURU: PATRULHEIROS DA FRONTEIRA BRASIL - PARAGUAI  
À SERVIÇO DO EXÉRCITO IMPERIAL BRASILEIRO**

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é demonstrar que entre os povos indígenas, a nação Guaikuru teve maior significância no conflito bélico do Brasil contra o Paraguai, destacando-os como patrulheiros da fronteira. Para tanto, a metodologia adotada consiste de uma pesquisa bibliográfica e documental, visando contribuir para o avanço das discussões em torno do enfoque dado à questão indígena, contemplando-os também como atores da História. O recorte espaço-temporal é a região pantaneira, da Província do Mato Grosso, no século XIX.

**Abstract:** The main aim of this work is to show that among the Indian tribes, the Guaikuru nation had the biggest influence in the bellicose conflict of Brazil against Paraguay. They are overtopped as the frontier rangers. For that purpose, the adopted methodology consists of bibliographic research as well as documental. The main aim being the contribution towards the improvement on the indigenous questions discussions, posing them as the authors of History as well. The place and time of this work is the lowlands of Mato Grosso Province, in the XIX century.

**Palavras-chave:** Guaikuru, patrulhamento, exército brasileiro.

**KeyWords:** Guaikuru, patrolling, Brazilian Army.

### **Introdução**

No século XVI, a América começou a ser visitada por expedições colonizadoras, viajantes e aventureiros em busca de novas conquistas territoriais e riquezas. Entre os povos indígenas, que participaram de conflitos na defesa de sua sobrevivência e da dominação estrangeira, assim como mais tarde, antes e durante o episódio da guerra do Brasil contra o Paraguai, destacam-se os Guaikuru.<sup>1</sup>

No decorrer dos séculos XVI ao XIX, a nação Guaikuru, através das relações interétnicas estabelecidas, incorporaram novos elementos culturais, como o manejo de canoas e a técnica da montaria, e comportamentos que lhes proporcionaram facilidades

---

\* Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá – PR – Rua Eurico Batista de Oliveira Jr, 249 – Parque da Gávea - CEP. 87053 – 336 – Maringá – Pr. – e-mail: cirlenemoreno@bol.com.br

<sup>1</sup> Neste artigo se faz referência aos Guaikuru utilizando-se os termos Mbayá, Guaikuru ou Kadiwéu, e obedecendo à “Convenção sobre a grafia dos nomes tribais”, da Associação Brasileira de Antropologia de 1953.

para implementar estratégias de sobrevivência e defesa, principalmente de seus territórios, razão fundamental pela qual estavam preparados para se envolver em guerras e contribuir para a vitória dos seus aliados.

Da análise de documentos resgatados junto ao Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), constata-se que esses povos tiveram grande significância como aliados do Brasil na guerra contra o Paraguai, inicialmente, auxiliando no patrulhamento e defesa das fronteiras do Mato Grosso, quando ainda não se havia definido a questão dos limites do território nacional na região e, posteriormente, como soldados nas frentes de combate.

Nesta perspectiva, este artigo tem por objetivo demonstrar que entre os povos indígenas, a nação Guaikuru teve maior significância no conflito bélico do Brasil contra o Paraguai, destacando-os como patrulheiros da fronteira através de pesquisa bibliográfica e documental, em uma abordagem etno-histórica.

### **Os Guaikuru: Patrulheiros e Aliados**

Originalmente, os Guaikuru ocupavam uma área chamada Grande Chaco, conhecida na geografia primitiva como *Tierra de los Mbayaes*, e localizada ao sul da Bolívia, oeste do Paraguai, norte da Argentina e uma pequena parte do oeste do Brasil (Costa, 1999).

Na historiografia contemporânea, esses povos são considerados os últimos remanescentes dos Mbayá-Guaikuru, ainda existentes no Brasil contemporâneo, designados na literatura moderna por Mbayá/Kadiwéu, falantes da língua Guaikuru, pertencente às famílias menores (Rodrigues, 1986).

Em meados do século XVII, os Guaikuru começaram a se deslocar do Chaco para as margens do Rio Paraguai, e, após a migração, montaram acampamentos em pontos estratégicos, próximos às fortificações, ora portuguesas, ora espanholas, vindo a se fixar, definitivamente, por volta de 1800, à margem esquerda, próximo ao local onde se encontram atualmente. Há mais de dois séculos, os Guaikuru-Kadiwéu ocupam uma área indígena que se situa em Porto Murtinho, no Pantanal Mato-grossense, tendo como limites a Serra Bodoquena (leste), os rios Niutaca (norte/nordeste), Nabileque (oeste), Paraguai (sudeste) e Aquidabã (sul).

Assim, desde 1797, as imediações do Forte de Coimbra já são habitadas por integrantes da nação Guaikuru (Silva, 2004). Uma fonte oficial, o primeiro relatório do

primeiro Diretor Geral da Diretoria Geral dos Índios, Joaquim Alves Ferreira, datado de 2 de dezembro de 1848, aponta 1500 Guaikuru, vivendo nessa região (Barros, 1989).

Embora não se possa precisar o número exato de integrantes Guaikuru que se envolveram na guerra contra o Paraguai, ao lado brasileiro, desde 1860-1862, alianças feitas pelos dois lados beligerantes, com grupos indígenas distintos - Brasil com os Guaikuru e Paraguai com o Kaiowá ou Kaiguá -, fizeram com que ambos cumprissem missões de patrulhamento e reconhecimento da fronteira entre os dois países (Leotti, 2001).

Em documentação pesquisada no Arquivo Público do Mato Grosso (APMT) foi possível resgatar o envolvimento, direto ou indireto, dos Guaikuru no conflito, sendo utilizados em missões patrulhamento e sondagem do movimento paraguaio nas proximidades do rio Iguatemi, trabalhando com erva-mate na fronteira brasileira.

Elementos Guaikuru incursionavam em busca de informações sobre a movimentação paraguaia no sentido de se fixarem em solo fronteiriço e, pelas rondas realizadas, recebiam pagamentos mensais, em dinheiro.

Em documento oficial do Tenente Coronel e Comandante do Quartel do Corpo de Cavalaria em Nioac, José Antonio Dias da Silva, datado de 01 de julho de 1862, por exemplo, lê-se: “Precisa-se da quantia de treze mil setecentos e vinte reis para pagamento de fornecimentos abonados a doze Índios Guaycurus quando rodarão os campos de Iguatynim, como prova Documento junto” (Lata, 1862, A).

Em outro documento de idêntico teor, datado de 01 de agosto de 1862, o mesmo Tenente Coronel e Comandante do Quartel do Corpo de Cavalaria em Nioac, José Antonio Dias da Silva, solicita: “Precisa-se da quantia de sessenta mil, quinhentos setenta e dois reis para pagamento dos generos alimentícios com que forão fornecidos aos Índios Guaycurus quando rodarão os campos de Iguatynim, como consta dos Documentos anexos” (Lata, 1862, A, 572).

Em Nioac, o comando do quartel solicitava aos Guaikuru que realizasse rondas nos campos de Iguatemi e, em contrapartida, efetuava os pagamentos. Isso demonstra a existência de temor mediante a possibilidade de uma invasão paraguaia na região do Baixo Paraguai.

O conhecimento que os Guaikuru tinham da região tornava impossível aos portugueses realizar patrulhamento e sondagem sem auxílio, tanto que, quando os índios se retiravam, as fronteiras ficavam desguarnecidas, fragilizadas, vulneráveis aos ataques

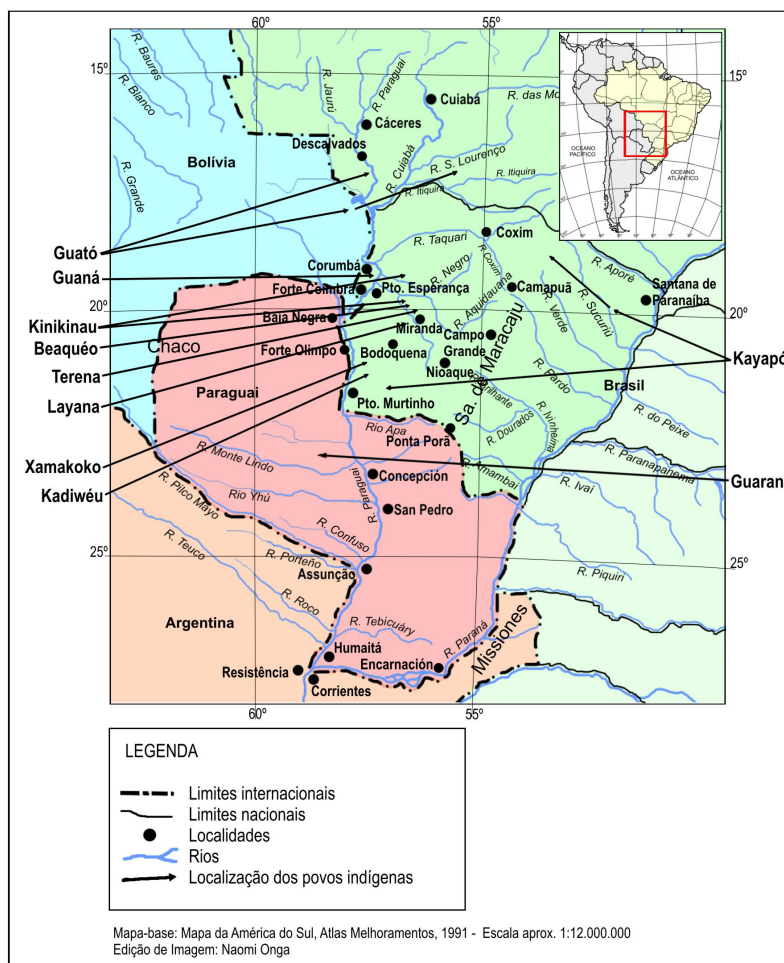
paraguaios, não somente em função dessa ausência, mas também devido à falta de armamentos, problema sério nos momentos que antecederam o conflito.

Os Guaikuru incursionavam em território paraguaio, seja simplesmente para realizar sondagem ou atacar outros povos indígenas, com ou sem consentimento das autoridades, defendendo bravamente seus territórios com merecido destaque em publicações importantes da época, conforme mostra documento do Comandante do Distrito Militar de Miranda em Nioac, ao Presidente da Província Herculano Ferreira Penna, datado de 7 de novembro de 1862.

Depois de bem entrar no conhecimento do extracto da correspondencia escripta na Assumpção e publicada na “Reforma Pacifica” de Buenos Aires, e do officio do Director Geral dos Indios desta Provincia, datado de 21 de agosto, que V.Ex<sup>a</sup>. se dignou remetter-me em officio reservado de 09 d’Outubro, também em vista do Art<sup>o</sup>. publicado no Semanário de 21 de junho n. 428 que acompanhou outro officio de V.Ex<sup>a</sup>. da mesma data, cumpre-me informar que além das duas partidas de Indios Guaicurus que consenti explorar o nosso território vizinho, como participei a V.Ex<sup>a</sup>. em officios n. 13, 22 e 24 de 5 de junho, 1 e 10 d’ Agosto proximos passados, e das partidas militares que mensalmente percorrião aos campos do Apa emanado de ordem da Presidencia da Provincia, nenhuma outra mais tem percorrido tais lugares, e nem mesmo essas partidas tem commettido aggressão e violências [...] ao capitão denominado Silverio Silva a quem se refere a mencionada correspondência “Reforma Pacifica” não existe entre os Índios Guaicurus tal nome [...] franqueza de dizer que tais occurrencias publicadas contem nimia falsidade, e nenhuma veracidade; assim afirmo por que, nehuma novidade ocorre neste Districto e Fronteira [...] (Lata, 1862, A).

O documento do comandante do Distrito Militar de Miranda ao Presidente Herculano Ferreira Penna esclarece que os Guaikuru, assim como os militares, exploravam o território vizinho com seu consentimento, sem, contudo, praticar agressão ou violência, e que não havia entre eles um capitão, chamado Silverio Silva, conforme noticiado pela imprensa. Veracidade nas publicações ou não, o fato é que os Guaikuru era notícia. Entre os indígenas que habitavam a região, era o povo mais temido, atuando não raro como uma fronteira viva, não permitindo o avanço dos invasores e se destacando no episódio de guerra, que envolveu a participação de várias etnias, conforme figura 1.

Croqui - ÍNDIOS DE MATO GROSSO PRESENTES NA GUERRA COM O PARAGUAI (1864-1870)



**FIGURA 1**

Fonte: ALMEIDA, 2006, p.79.

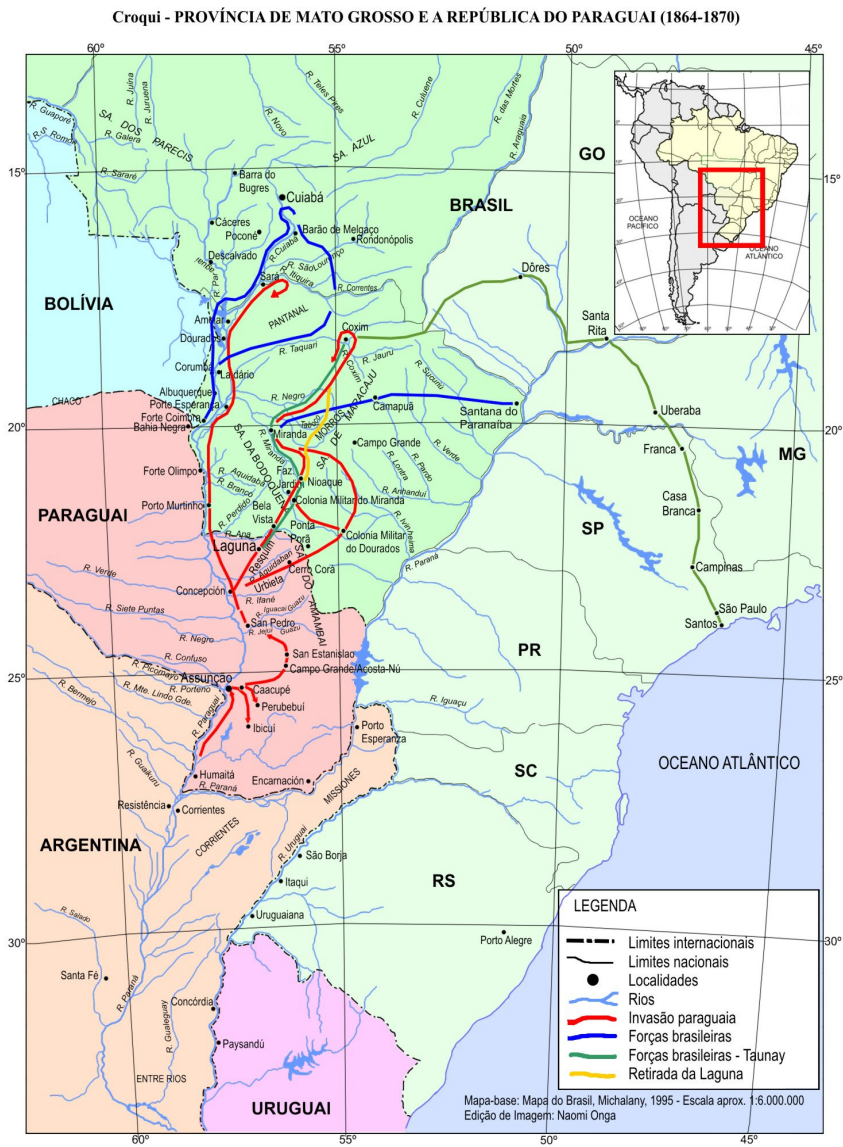
Durante a guerra do Brasil contra o Paraguai, os Guaikuru também foram notícia em publicações importantes da época. A própria imprensa paraguaia, no *El semanario de avisos y canocimientos utiles*, destaca-os, relatando ações dos invasores dessa forma:

El enemigo con cuatro batallones de infanteria, un regimiento de caballeria, cuatro piezas de cañon, y muchos indios Mbayás, sus aliados, todo en numero como se ha dicho de más de tres mil hombres, invadieron nuestro territorio, y pasaron el Apa en el paso de Bellavista el 28 de abril. [...] Camisão avanzó hasta el arroyo primero siete leguas del Apa [...] (*apud* Taunay, 1975).

Segundo o noticiário do semanário paraguaio, um batalhão com mais de três mil homens, incluindo vários Guaikuru (Mbayá), aliados dos soldados brasileiros, invadem o território inimigo (Fig. 2). Apesar da indeterminação quanto ao número de Guaikuru, o destaque é para o envolvimento desses guerreiros no episódio descrito. Esse registro

da imprensa paraguaia da presença de Guaikuru na guerra do Brasil contra o Paraguai, em um momento crucial do confronto, vem comprovar o envolvimento direto desse povo no acontecimento.

Se a imprensa de um país, que está sendo derrotado numa guerra, informa à população sobre os acontecimentos, relatando a posição dos Guaikuru, habitantes da região conflituosa, ao lado dos brasileiros, essa informação não pode ser falsa e deixa evidente a posição ocupada por esse povo no decorrer de todo o conflito.



**FIGURA 2**

Fonte: ALMEIDA, 2006, p.56.

Outro documento que dá relevância ao envolvimento dos Guaikuru na guerra contra o Paraguai é do Ministério dos Negócios da Guerra, do Rio de Janeiro, datado de 8 de junho de 1867, encontrado no Arquivo Estadual de Cuiabá, no qual se pode ler:

Fico inteirado, pelo seu Offício de 28 de março ultimo, de que Lapagote, um dos Capitães da tribu dos Canídeos que serve junto ás nossas forças em operações, em Miranda, mandado em exploração sobre a fronteira do Apa, conseguiu surprender e bateu um dos pontos fortificados que os Paraguayos conservão sobre esse rio; cconvindo que se repitão taes explorações com o concurso dos índios conhecedores d'aquellas passagens (Lata, 1867, A).

Nesta parte do documento, a autoridade competente do referido Ministério toma ciência dos serviços prestados pelo capitão Lapagote, índio Kadiwéu, trabalhando para o Exército brasileiro, comandando a operação realizada na fronteira do Apa. Este documento mostra que o capitão indígena surpreende os paraguaios na região fronteira, além de sugerir que investidas poderiam se repetir, principalmente em virtude do conhecimento que esse povo tinha da localidade, sendo este de grande utilidade para o Brasil naquele momento.

A contribuição dos Guaikuru é destacada também pelo exercício do papel fundamental que desempenharam para a sobrevivência da população, “se espalhando até nas roças de mandioca e cana, trazendo de lá, sem demora, cargas sob as quais vergavam, mas sem retardar o passo” (Taunay, 1952, p. 94). Além disso, também executavam tarefas como, por exemplo, abrir covas para enterrar os mortos.

### **Considerações Finais**

Os Guaikuru se envolveram na guerra do Brasil contra o Paraguai, estando sempre presentes, dando sua contribuição efetiva. A análise das fontes estudadas evidenciou seu desempenho, antes e durante o decorrer do conflito.

Inicialmente, nas funções de sondagem e patrulhamento na fronteira mato-grossense. Note-se a importância do envolvimento dos Guaikuru quando, ao desempenharem essas funções na região, foram usados como fronteiras vivas, executando uma tarefa fundamental, já que jamais indivíduos que desconhecem o território poderiam realizar.

Depois, no confronto armado, que chegou a ser noticiado em semanário da imprensa do país inimigo (*El semanario de avisos y canocimientos utiles*), onde muitos elementos Guaikuru compõem o batalhão ao lado dos soldados brasileiros.

Registro incontestável da presença efetiva dos Guaikuru na guerra é o documento do Ministério dos Negócios da Guerra, de 8 de junho de 1867, encontrado no Arquivo Estadual de Cuiabá que enfatiza a ação do capitão Guaikuru, Lapagote, surpreendendo paraguaios na região fronteira, fato que também demonstra o envolvimento de outros integrantes dessa nação guerreira nos combates, afinal, um capitão não age sozinho.

Conhecedores da região e dominando o uso de cavalos e canoas, os Guaykuru estavam aptos para executarem inúmeras funções, assim como para fazerem parte do batalhão que invadiu o Paraguai, contribuindo efetivamente para que o Brasil levasse a guerra contra o Paraguai a bom termo.

## **Referências**

ALMEIDA, R. B. M. de. *A presença indígena na guerra com o Paraguai (1864-1870)*. Dissertação de mestrado. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

BARROS, E. P. Política indigenista, política indígena e suas relações com a política expansionista no II Império em Mato Grosso. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 1989.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL. In: Lata (1862). A. Maço: *Encontro com Índios*. APMT. Cuiabá – MT.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL. In: Lata (1867). A. Maço: *Encontro com Índios*. APMT. Cuiabá – MT.

COSTA, M. de F. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Kosmos, 1999.

CUNHA, M. C. da. *Índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, FAPESP, 1992.



LEOTTI, O. *Corpos violentados: os índios e a Guerra do Paraguai (1860-1870)*. In: *Fronteira: memória e linguagem*. Campinas: Pontes, 2001.

RIBEIRO, D. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis: Vozes, 1980.

RODRIGUES, A. D. I. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SILVA, G. J. da. *A construção física, social e simbólica da reserva indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história*. Dourados: Dissertação de Mestrado em História Universidade Federal do Mato-Grosso, 2004.

TAUNAY, A. E. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

\_\_\_\_\_. *A retirada da laguna*. Rio de Janeiro: Tecnoprint (Edições de Ouro), 1952.